

125.200
Série de Notas sobre a Guerra

N.º 114

Medidas de consumo em Inglaterra

Col. 3

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britânica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

—
1918



Miscelânea de estudos
em História



Medidas de consumo em Inglaterra

A julgar pelos debates sobre o fornecimento de generos alimenticios que na Camara dos Deputados se intercalam com as discussões sobre a guerra, parece que a falta de subsistencias na Inglaterra, da qual tanto se tem falado ultimamente, é uma contingencia perspectiva e não um facto da actualidade.

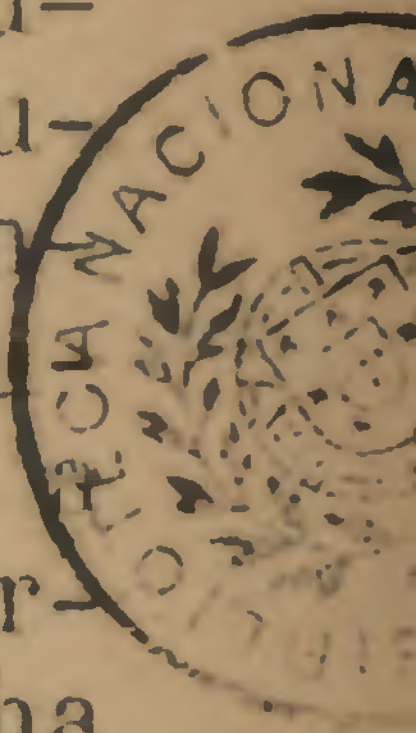
O sistema de rações estabelecido em certas partes do paiz diz respeito principalmente á carne, manteiga e assucar, e por esse motivo são as comodidades que mais se teem discutido nesta questão de subsistencias. Até hoje, a bem dizer, é só o assucar que tem entrado no sistema de rações; parece que o resultado obtido foi muito grave visto ter-se afirmado no Parlamento haver uma grande abundancia no mercado. Quer isto dizer evidentemente que nestas ultimas semanas teem chegado a Inglaterra importações importantes, o que, por sua vez, dá a entender que se estão accumulando grandes reservas de assucar. Emquanto á carne, segundo se opina, a falta é devida em parte a causas temporarias, como por exemplo a transição dum

sistema de produção, venda e consumo, livre para um sistema de fiscalisação; a diminuição nos «stocks» internos só influe em muito pequena escala. Afirma-se que causas iguais influíram, durante algum tempo, no abastecimento do chá; porém agora parece que o fornecimento do chá ficará em bases tão seguras como o do assucar. Causa satisfação saber, sob a autoridade do Ministro de Subsistencias, que se está fazendo em França, Holanda e Dinamarca compra de manteiga por conta do Governo britânico, aos preços correntes dos mercados daquelles paizes e que se vende em seguida na Gran Bretanha geralmente a um preço inferior — combinação que não dá prejuizo ao importador devido unicamente ao sistema de concentração e de fiscalisação adoptado pelo Governo.

A organisação que torna possivel estas combinações passou ha muito da fase de experiencia. As respostas dadas pelos ministros aos criticos, especialmente emquanto a acusações de falta de previdencia, teem provado repetidas vezes que os preparativos levados a efeito para esta fase da guerra foram estudados ampla e cuidadosamente. Por exemplo, ficou agora declarado que, a despeito dos destroços causados pelos submarinos inimigos nos recursos de transporte britannicos e a despeito tambem do facto que a Inglaterra emprestou 1.500.000 toneladas dos seus proprios recursos a seus Aliados, não teem diminuido ultimamente as importações; importaram-se desde setembro até novembro de 1917 exactamente a mesma quan-

tidade de mercadorias que se importaram em fevereiro, março e abril desse ano. Explica-se este maravilhoso feito pelos melhoramentos introduzidos na direcção da marinha mercante. Antes da guerra um navio de 100 toneladas transportava 106 toneladas de mercadorias; hoje porém transporta 150 toneladas de mercadorias. A força viril é também um factor que se vai desenvolvendo progressivamente tanto nas oficinas como na zona de guerra. Dá alguma idéa do aumento na produção obtido nas fabricas de munições a declaração que o numero de peças enviadas a França em 1917 corresponde a um aumento de 30 por cento, e ao mesmo tempo a produção de aeroplanos chegou quasi a triplicar-se. Durante o mesmo ano só a Gran Bretanha aumentou o seu exercito em 820.645 homens e pela acção do Governo ficavam colocados em serviços industriais 730.000 homens e 804.000 mulheres.

Não vem declarado até que ponto estas operações teem beneficiado a agricultura; porém em vista do facto que o Reino Unido é o unico paiz no mundo onde não tem havido diminuição na produção de subsistencias durante a guerra, é legitimo supôr que o beneficio tem sido consideravel. Em todo o caso no ano de 1917 cultivaram-se mais 400.000 hectares de terreno com o resultado que houve mais 850.000 toneladas de cereais no decurso do ano, e além disso a produção da batata deu mais 3.000.000 de toneladas. São notaveis estes algarismos; como se vê, não apoiam a teoria que os recursos na-



turais da Inglaterra são de tal forma limitados que ela teria de succumbir rapidamente deante dum bloqueio rigoroso. Essa teoria, porém, não chegará provavelmente a pôr-se á prova pois que um bloqueio rigoroso não parece possível debaixo das condições actuais, como se vê pelo facto importante e suggestivo que, a despeito da notavel actividade dos submarinos alemães, os «stocks» de trigo nos celeiros britannicos ao fim de 1917 excediam os do fim de 1916 em mais de 500.000 toneladas.

Contudo, como está provado, os ministros nada deixam ao acaso. As medidas que põem em pratica para assegurar os fornecimentos futuros de subsistencias são tão completas e comprehensivas como se a guerra devesse durar muitos anos. Segundo afirma Sir John Jellicoe, que tem meios excepcionais para conhecer os factos a respeito da guerra submarina, os Aliados verão o fim da ameaça submarina dentro de seis mezes; no intervalo só lhes pede que se mantenham firmes. E' possível que possam fazer mais alguma coisa. Em todo o caso, Sir Eric Geddes não duvida que possa aniquilar sempre em escala crescente o perigo submarino e substituir ao mesmo tempo a tonelagem perdida com uma rapidez acelerada. A justificação desta confiança têmo-la já nas estatisticas de importações citadas na Camara dos Deputados, e ainda com maior força, nos algarismos divulgados ultimamente pela America sobre o numero de tropas americanas desembarcadas em França. Em presença de tais factos um povo menos cauteloso

que o povo britânico poderia contestar que, atendendo aos resultados que se esperavam e que se não realizaram, a ameaça submarina já se acha conjurada.

